

**HOSPITALIDADE NA OBRA DE CORA CORALINA: Estudo da dimensão acolhimento no poema “Ô de casa!”**

**LISANDRA LAVOURA CARVALHO PASSOS**  
UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI (UAM)

**MIRIAN REJOWSKI**  
UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI (UAM)

## **HOSPITALIDADE NA OBRA DE CORA CORALINA: Estudo da dimensão acolhimento no poema “Ô de casa!”**

### **Introdução**

Este trabalho representa o início do caminho a ser percorrido para desvelar elementos da hospitalidade na poesia da Cora Coralina, que tem seu nome homenageado no Caminho de Cora Coralina, rota turística no estado de Goiás, Brasil. Tem-se como objeto de estudo o poema<sup>i</sup> intitulado “Ô de casa!”, escolhido por retratar os laços da poetisa com sua cidade natal, com os tipos sociais que estão em sua memória, bem como “os costumes e valores socialmente compartilhados dos quais a autora se apropria para construir sua versão de mundo e de si mesma” (DIAS, 2013, p. 120). Com um caráter predominantemente autobiográfico, característico de suas obras, a poetisa cita nesse poema a lei da hospitalidade, o que reforça a presente análise.

Ô de casa! está publicado em seu terceiro livro, intitulado *Vintém de Cobre: Meias Confissões de Aninha*, livro que estampa uma autobiografia em versos e de historicidade circunstancial e privada, traz a permanência das tradições de Cora Coralina e tem como um dos focos a linguagem rural, semelhante à usada pelas populações da roça, do interior de Goiás e semelhante aos contadores de casos. Linguagem simples e clara, com palavras e expressões comuns ao ambiente rural, pois está sempre tratando desse mundo, o que ajuda na oralidade presente nesses poemas.

Isso posto, busca-se investigar aproximações referentes às relações de hospitalidade entre o anfitrião e o viajante, considerando o acolhimento como uma das suas dimensões, ao lado da comensalidade, segurança e outras que forem reveladas. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de cunho qualitativo, justificada por buscar explorar um tema ainda pouco estudado e que proporcione “maior familiaridade para definição do problema” e de hipóteses de pesquisa futura (GIL, 2007, p. 41). Como estratégia metodológica adotou-se a análise de conteúdo (KRIPPENDORFF, 1990; DRISKO; MASCHI, 2016) com as categorias definidas “a posteriori”, seja, no decorrer da descrição e análise dos resultados.

Discorre-se inicialmente sobre a poetisa Cora Coralina, sintetizando seus principais dados biográficos e da sua obra. Em seguida, analisam-se cinco partes do poema selecionado em suas aproximações com a hospitalidade entrelaçadas às noções de dádiva e relações de troca com base no pensamento de Mauss (1974), em seu Ensaio sobre a dádiva. As atividades que entram no campo de análise da dádiva são, primeiramente, coletivas: “não são indivíduos, são comunidades que se obrigam mutuamente”, clãs, tribos, famílias; e, além disso, não se limitam a bens e riquezas, a móveis e imóveis, tampouco a coisas economicamente úteis, mas incluem “gentilezas, festejos, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras” (MAUSS, 1974, p. 55).

A hospitalidade é essencialmente concebida pelo vértice da reciprocidade. Recusar-se a dar, deixar de convidar “equivale a declarar guerra; significa recusar a aliança e a comunhão”. Ao contrário, a dádiva e o convite significam o estabelecimento do laço social (MONTANDON, 2016, n.p.).

Camargo (2005) evidencia que toda ação, ato, atitude de hospitalidade se inicia com uma dádiva, porém nem sempre a dádiva está inserida na hospitalidade. A dádiva traz implícito, contido algum interesse, que, de acordo com Godbout (1999), é um “interesse desinteressado”. Deve ser recebida e aceita, “sendo um insulto recusar um presente, uma honraria ou uma lembrança” (CAMARGO, 2005, p. 23) e, por fim, aquele que recebe deve retribuir, reinstaurando a dádiva.

A dádiva transcorre através de vínculos, em relações estabelecidas entre amigos, vizinhos, parentes e pessoas e apresenta-se de diferentes formas, de um presente propriamente

dito a um presente imaterial, como uma palavra, uma lembrança, uma notícia ou uma carta (GODBOUT, 1999). A retribuição a uma dádiva inicial causa um processo contínuo de dádivas e contradádivas, e a perpetuidade da relação se mantém enquanto nenhuma das partes se descompromete da retribuição (CAMARGO, 2005). “Tem-se sempre a impressão ao mesmo tempo de dar e de retribuir, exceto no momento de inauguração de um ciclo ou seu fim”, ressalta Godbout (1999, p. 35).

## **Cora Coralina**

Para a poetisa goiana Cora Coralina, existir era uma maneira de resistir, coexistir e transmitir. A sua vitalidade, era absorvida de um profundo enraizamento tribal e da terra, colorido por uma desafetação, livre, turbulenta, receptiva, cultivadamente rude, ergue-se das matrizes do seu livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. Segundo Delgado (2003, p. 184), a própria Cora Coralina se designava “cultivadamente rude”:

Você quer me conhecer? E começa a ler o artigo de jornal: “Livre, turbulenta, receptiva, cultivadamente rude”. Cultivadamente rude - acentua a poetisa – cultivadamente rude. É isso mesmo. Cultivadamente rude. A vida me fez rude e a minha formação me fez cultivada. Mulher sertaneja, livre, turbulenta, cultivadamente rude. Inserida na gleba. Mulher terra. Nos seus reservatórios secretos um vago sentido de analfabetismo. Doceira fui e gosto de ter sido. Mulher operária (DELGADO, 2003, p.184).

Cora Coralina (1889–1985), pseudônimo de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, foi poetisa e contista, considerada uma das principais escritoras brasileiras. Aos 15 anos tornou-se Cora, uma maneira de esconder sua verdadeira identidade, pois naquela época “moça direita” não perdia tempo com escritos. Coralina surgiu depois e o significado não poderia ser mais poético, vem dos corais do Rio Vermelho, que passava embaixo da ponte da sua casa - Cora Coralina quer dizer coração vermelho.

Cora passou a infância em dois lugares relevantes e cenários de seus contos e poemas: a Fazenda Paraíso e a Casa Velha da Ponte. A Fazenda Paraíso, próxima a Goiás, onde moravam bisavós, avós, tios e primos foi seu “cenário bucólico mais imediato e permanente pano de fundo, quando não moldura” (LOURENÇO, 2019, n.p.) de diversos textos, e é nesse cenário, que nos remete o poema *Ô de casa*.

Seu pai, o desembargador Francisco de Paula Lins dos Guimarães, faleceu quando Cora tinha 2 meses de vida. Ele comprou a Casa Velha da Ponte, uma das mais antigas e pioneiras da capital de Goiás, tendo sido erguida com métodos construtivos do Brasil-colônia, incluindo ferragens feitas por escravos em forjas primitivas.

Esta residência da família, edificada em 1739, foi estruturada em madeira, com paredes de adobes de barro cru e pau-a-pique, firmados por vigas e pilastras de aroeira sobre baldrames de pedra bruta e alicerçada sobre as pedras para conter às águas do Rio Vermelho. Tornou-se para Cora símbolo ao mesmo tempo do real e do imaginário, e não raro, na condição de casa grande, um disfarce para a pobreza sofrida pela família nos tempos vindouros da decadência do ouro e do fim da mão de obra escrava, quando a república ainda engatinhava.

Importante a historiografia de Esmeraldo (2014, p. 36) ressaltando que o “Rio Vermelho” e a “Serra Dourada” são espaços importantes na cidade de Goiás. Esse rio é um “espaço constitutivo da cidade, porque a cidade nasceu em função deste rio, e a história do rio é a história da cidade, do ciclo do ouro, dos índios que ali habitaram, das enchentes que modificaram a paisagem”.

Portanto, ao utilizar esses elementos importantes para a compreensão de sua poética, Cora demarca os limites da cidade como os limites da sua própria existência, ocasionando uma “intimidade protegida” – expressão utilizada por Bachelard (1978) para propor a ideia de acolhimento e segurança que determinados espaços podem transmitir ao ser humano. Segundo Esmeraldo (2014, p. 36) “não se trata de um espaço qualquer, mas, sim, de espaços específicos que fizeram parte da trajetória de Cora e, por conseguinte, espaços expressivos que ficam guardados na memória e revelam, de certa forma, a alma humana”.

Cora, mulher simples, doceira de profissão e por necessidade teve seu primeiro livro publicado em 1965, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, aos 76 anos. Tendo vivido longe dos grandes centros urbanos, alheia a modismos literários, produziu uma obra poética rica em motivos do cotidiano do interior brasileiro, em particular dos becos e ruas históricas de Goiás. Carlos Drummond de Andrade apontou-a como a joia mais rara de Goiás. Antes disso, também foi lida e aplaudida em diversos estados brasileiros, mas foi a partir de Drummond que ficou conhecida nos meios literários:

Cora Coralina, para mim a pessoa mais importante de Goiás. Mais do que o Governador, as excelências parlamentares, os homens ricos e influentes do Estado. Entretanto, uma velhinha sem posses, rica apenas de sua poesia, de sua invenção, e identificada com a vida como é, por exemplo, uma estrada. Na estrada que é Cora Coralina passam o Brasil velho e o atual, passam as crianças e os miseráveis de hoje (ANDRADE, 1987, n.p.).

A comparação que Drummond faz entre Cora Coralina e a palavra estrada, por um lado, tem base metafórica conceitual que possibilita apreender a vida como um caminho percorrido, além das derivações de curvas sinuosas, das barreiras ou dos obstáculos, que os caminhos podem trazer. Por outro lado, traz também na atualidade uma rota turística, inaugurada em 2018 no Estado de Goiás, que tem o intuito de promover o desenvolvimento turístico da região e foi batizada com o nome da poetisa e ambientalizado com poesias durante o percurso.

Ela se faz presente em vários poemas que remetem à infância, numa singularidade de expressões poéticas próprias. Sessenta desses poemas estão nas placas espalhadas pelo Caminho de Cora Coralina, que percorrem 300 km entre Corumbá de Goiás e a Cidade de Goiás. Cora também fala do meio ambiente, pois era uma ambientalista, fala de superação e em acreditar nos valores humanos.

No poema, *Ô de casa!* Cora abre as portas da casa para reconstruir caracteres essenciais ao homem, dissolvidos ou ocultados no caminhar dos tempos, mas, ao mesmo tempo, intensamente marcados pela sua história. *Ô de casa!* uma expressão popular muito usada na época de Cora Coralina, para o visitante anunciar a sua chegada.

De acordo com Vieira (2014, p. 63), no poema é possível explorar as imagens do aconchego e do acolhimento “trazido por esse envolvimento interpessoal em que o ritual de convivência era pautado na simplicidade e na confiança entre os semelhantes”. São gestos e sinais de aproximação, que atribuem sentido à existência humana, pois “trazem consigo o poder de registrar no tempo o verdadeiro sentido de construir e habitar a Terra, elevando a vida a uma dimensão transcendental” (VIEIRA, 2014, p. 63).

### **Aproximações da hospitalidade no poema “Ô de casa!”**

O texto do poema, apresenta-se como uma narrativa do comportamento do viajante da época, das suas atividades econômicas e de suas necessidades. O local descrito é a Cidade de Goiás<sup>ii</sup>, lugar de nascimento e infância de Cora Coralina, cidade outrora importante por ter sido

capital do estado de Goiás até 1942. Essa cidade foi edificada, em 1727 entre a serra Dourada e a Serra do Cantagalo, às margens do rio Vermelho (principal veio aurífero da região).

Com a decadência da mineração por volta de 1770, muitos povoados goianos foram abandonados e as atividades passaram a ser a pecuária e agricultura, porém durante as três primeiras décadas do século XX, Goiás continuou atrelada à política oligárquica da Primeira República com meios de transportes precários, com acesso árduo, dificultando a integração comercial com as demais regiões brasileiras. Couto Magalhães (*apud* PALACIN, 1976, p. 12) explana de forma muito aligeirada, as dificuldades de se permanecer na cidade: “Goiás não só não reúne as condições necessárias para uma capital, como ainda reúne muitas para ser abandonada”. Nesse contexto, o poema se refere ao final do século XIX e início do século XX.

### *Chegada e a solicitação de estada*

No primeiro trecho do poema, tem-se a chegada dos viajantes e a saudação “Ô de casa!”.

Acontecia à noite, alta noite com chuva,  
frio ou lua clara,  
passantes com cargueiros e família darem:  
"Ô, de casa..."  
Meu avô era o primeiro a levantar, abrir a janela:  
"Ô de fora... Tome chegada."  
O chefe do comboio se adiantava:  
"De passagem para o comércio levando cargas,  
a patroa perrengue, mofina,  
pedia um encosto até "demanhã".  
Mais, um fecho para os "alimais".

Para Grinover (2006, p. 31), o viajante, ao chegar em uma cidade, percorre os seus espaços urbanos e está sujeito a “situações e processos importantes de informações”, inclusive percepções. Considera a hospitalidade uma relação no espaço, ou espacializada, entre o anfitrião, quem recebe, e o hóspede, quem é recebido.

O anúncio feito pelo viajante “Ô, de casa...” promove no avô de Cora a atitude de levantar, abrir a janela e responder: “Ô de fora... Tome chegada”, quando o visitante é convidado a se aproximar, a vir mais perto, ou seja, foi lhe dada a autorização de acercar-se. Do ponto de vista simbólico, a janela (aberta ou fechada) é um componente espacial muito significativo, pois remete a um vínculo. “que conecta o espaço íntimo ao espaço externo (social/natural), permitindo ao sujeito perceptivo interagir com esses espaços, principalmente, através da visão” (SANTOS, 2015, p. 142), quem está dentro olhar o mundo de fora e quem está fora procurar enxergar o mundo de dentro.

Acolher o outro é o aceitar em seu espaço, é colocar à “disposição do outro o melhor de nós: o melhor do que possuímos como anfitriões” (GRINOVER, 2009, p. 6). Fuão (2014, p. 79), citando Levinas (1980) e Derrida (2003), coloca o acolhimento como um “ato ético”, no qual o outro, o hóspede pode ser desejável ou indesejável de ser recebido em casa. Por outro lado, Ávila (2018) aponta que esse relacionamento com o outro se expande além da interação para construir o convívio que, junto com o acolhimento e a amorosidade, efetivam as relações.

Nos princípios do acolhimento se desdobram esse percurso amoroso, pois o “acolhimento assim como a hospitalidade não são gestos, mas sim um movimento que se pode comparar à amorosidade” (FUÃO, 2014, p.78). O avô de Cora se movimenta provavelmente com algum sentimento de amorosidade e compaixão, espírito cristão para com o visitante.

O visitante se aproxima e explica do que se trata sua presença e a situação de sua família e seus animais, pede acesso mediante a possibilidade de ser acolhido por uma noite. Como explica Gouirand (1994, *apud* AVENA, 2008), pelo acolhimento aceita-se o estranho, que pode ser o inimigo, sem combatê-lo, mas sim permitindo-lhe acesso a uma comunidade que também lhe é estranha. Por outro lado, o viajante espera ser bem recebido, e a hospitalidade estabelece a concepção desse encontro, pois envolve o ato de acolher um estranho. Se o recebemos, sentimos a obrigação de retribuir a dádiva recebida; “o ato de dar não é um ato desinteressado” (LANNA, 2000, p. 176).

Segundo Vieira (2014, p. 52), a obra de Coralina “dá importância aos homens de vida simples, que compartilhavam dessa unidade acolhedora”. Nas palavras da poetisa, ao contrário daquele desconhecido que passa,

[...] que vai entrando como em terra de ninguém, indiferente a uns tantos princípios, o visitante é aquele que alcança a magnitude dos gestos de acolhimento de quem o recebe, valoriza a nobre simplicidade da gente que sabe dispensar atenções e cortesia aos que chegam (CORALINA, 2007, p.170).

Neste trecho inicial da poesia já fica perceptível o cotidiano da vida do avô de Cora e a simplicidade dos seus gestos que, no entanto, também refletem a complexidade do ser humano.

### *Acolhida*

No segundo trecho do poema de Cora Coralina, as atitudes do avô são construídas nas imagens que ela descreve:

Meu avô abria a porta, franqueava a casa.  
Tia Nhá-Bá, de candeia na mão, procurava a cozinha,  
acompanhada de Ricarda sonolenta.  
Avivar o fogo, fazer café, a praxe, aquecer o leite.  
Meu avô ouvia as informações. Não especulava.  
Oferecia acomodação, no dentro,  
quarto de hóspedes.  
Quase sempre agradeciam.

Conforme já citado, a hospitalidade relaciona-se também à interação entre indivíduos. Para Camargo (2005), a hospitalidade ocorre em diferentes tempos e espaços, sendo a acolhida retratada neste trecho referente ao tempo do receber no espaço doméstico. O abrir a porta é mais que uma simples abertura, é um ato de recebimento, de desobstruir a passagem, conceder a licença e proporcionar o uso à entrada do estranho e proporcionar-lhe segurança.

A acolhida se alinha ao pensamento de vários estudiosos da hospitalidade. Stefanelli e Bastos (2016, p. 258) abordam os deveres base dessa relação - “a generosidade, abertura e disposição favorável para receber”, e destacam como dimensões da hospitalidade o acolhimento e a solidariedade em uma relação assimétrica e de alteridade entre o anfitrião e o hóspede. Baptista (2002) também ressalta o acolhimento do “outro” como uma forma privilegiada que ocorre nesse encontro interpessoal. Ferreira *et al.* (2013) observam o indivíduo em sua natureza, humanidade e acercamento com os da sua própria espécie em uma relação de alteridade com o “outro” em sua diversidade. Brusadin (2016, p. 14) destaca a sensibilização do anfitrião perante as necessidades do “outro” e cita que às vezes “o anfitrião se adapta” para atender o hóspede e, por outro lado, este também se adapta ao modo como o anfitrião se comporta.

Nas memórias de Cora, começam os movimentos dentro da casa, uma luz surge na candeia e vai iluminando até a cozinha por uma das moradoras da casa, onde se acende o fogo e se aquece o ambiente. A prática de partilhar “a comida é do que trata a comensalidade, hábito tão antigo na humanidade entre homens e animais - e cuja única diferença está no sentido dados pelos seres humanos à partilha”, Costa (2015, p. 64), à divisão, ao repartir. As mulheres que levantam e vão para a cozinha situam-se no centro da esfera doméstica e “simbolizam a dádiva” ao longo do tempo, como aponta Godbout (1999, p. 47). Para esse autor, o termo hospitalidade envolve o receber e o acolher, sem uma troca comercial

receber designa, evidentemente, o fato de acolher alguém em casa, mas também, o que é igualmente importante, o fato de dar, oferecer alguma coisa: hospitalidade, uma refeição etc. [...]. Receber alguém é dar-lhe algo. [...]. É exatamente o contrário daquilo que o mercado procura: criar condições de troca de bens entre estranhos iguais (GODBOUT, 1999, p. 198).

A comensalidade contribui para a organização das “regras da identidade e hierarquia social”, para “tecer redes de relações” e “para impor limites de e fronteiras sociais [...]”, destacando os costumes e comportamento de determinado grupo (CARNEIRO, 2005, p. 71-72).

“Meu avô ouvia as informações” - nesse gesto, a hospitalidade não reside apenas no desejo de ser acolhido, sendo também desejo de acolher, desejo de receber (e ouvir) e desejo de dar. Desejo esse de que o hóspede rompa a solidão, dê prazer com a sua presença e/ou noticie informações de outros lugares, são razões citadas por Montandon (2016). Diante disso, a

hospitalidade ou acolhimento seria [...] um fenômeno resultante do encontro dinâmico de demandas distintas, com origem, necessariamente, numa perspectiva subjetiva do desejo, orbitado por eventos do acaso. Isso [...] exige, de cada um, o olhar do outro, o abdicar da tranquila certeza do saber prévio, o exercício empático da compreensão [...] como uma variância das relações humanas no âmbito cotidiano. (PERAZZOLO, SANTOS e PEREIRA, 2010, p. 11).

No poema, o avô de Cora “oferece acomodação, no dentro, quarto de hóspedes”, onde supõe-se que será muito mais acolhedor e aconchegante, e oferta o que tem de melhor para a chegada do hóspede inesperado. O “cuidado que aquele que acolhe dá à preparação e ao embelezamento do espaço do acolhimento é tão significativo quanto a qualidade da relação que se estabelece no momento do acolhimento” (AVENA, 2008, p. 421).

Observa-se no final do trecho do poema, que os visitantes geralmente agradeciam, e subentende-se que nem sempre aceitavam a acolhida dentro da casa, presume-se, por não querer causar mais incômodo ao anfitrião.

### *Descanso dos viajantes*

No terceiro trecho do poema, nas memórias de Cora, os viajantes se banham, descansam e as crianças se alimentam.

Se arrumavam ali mesmo no vasto alpendre coberto  
Descarregavam as mulas, encostavam a carga.  
Tia Nhá-Bá comparecia, oferecia bacião de banho  
à dona, e aos meninos, quitandas.  
Aceitavam ou não.  
Queriam, só mais, aquele encosto, estendiam os couros,  
baixeiros, arreatas, se encostavam.

“Ser acolhido é dispor-se a todos os riscos e colocar seu destino nas mãos do hospedeiro” (MONTANDON, 2016, n.p.). Reforça-se assim a instalação da hospitalidade no espaço entre dois sujeitos, o acolhedor e o acolhido, em um movimento alternado de papéis, no qual o acolhedor ora se converte em acolhido, e o acolhido ora se converte em acolhedor (PERAZZOLO, SANTOS E PEREIRA, 2010). O acolhimento, traz consigo o reconhecimento do outro no convívio, mudando a forma de se relacionar. Acolher é então abarcar, trocar e interlaçar.

Novamente, a comensalidade traz consigo muita simbologia que permeia a convivência da humanidade. “Tia Nhá-Bá comparecia, oferecia um bacião de banho à dona, e aos meninos, quitanda”<sup>iii</sup>: o significado desta ação não alimenta apenas o corpo, mas também a alma.

Ao longo das épocas e regiões, as diferentes culturas humanas sempre encararam a alimentação como um ato revestido de conteúdos simbólicos, cujo sentido buscamos atualmente identificar e classificar como “políticos” ou “religiosos”. O significado desses conteúdos não é interpretado pelas culturas que o praticam, mas sim cumprido como um preceito inquestionável, para o qual não são necessárias explicações (CARNEIRO, 2005, p.71-72).

Cita-se que embora nem sempre se oferte acomodação ou abrigo ao “outro”, não se pode negar “nesta categoria o calor humano dedicado a alguém, sob a forma de oferta de um teto ou ao menos de afeto, de segurança, ainda que por alguns momentos” (CAMARGO, 2004, p. 52). Compreende-se então como a convivialidade à mesa ou na forma de abrigo e proteção, que fomenta a virtude da hospitalidade.

### *Alimento dos animais*

No quarto trecho do poema, as experiências e os sentidos se estabelecem na medida em que a vida avança, por meio dos inúmeros fatos vivenciados por Cora, dentro e fora da casa.

Meu avô franqueava o paiol.  
Milho à vontade para os animais de sela, de carga.  
Eles acendiam fogo, se arranjavam naquele  
agasalho bondoso, primitivo.  
Levantávamos curiosas, afoitas, ver os passantes.  
Acompanhá-los ao curral,  
oferecer as coisas da casa.  
Ajoujavam os cargueiros, remetiam  
as bruacas nas cangalhas.

Camargo (2015) defende que a hospitalidade passa pela intimidade do calor humano e pode ser compreendida como uma relação em que se estabelece uma troca (entre receber e ser recebido). A hospitalidade nesse contexto não tem uma espacialidade definida, vem de dentro e se expande para o de fora.



Nota-se aqui o estabelecimento de um pacto, um contrato na economia do dom, conforme o pensamento de Mauss (1974, p. 54):

[...] dispor de um bem, seja ofertando-o ou destruindo-o, é a base para a formação de alianças e geração de respeito. Permeados sempre por significados simbólicos diversos, os contratos são feitos com base na oferta. Dispor de um objeto significa fazer um pacto, uma aliança, como franquear seus bens e suas economias. A economia do dom é uma forma de organização, não um tipo de contrato que se assina conscientemente.

Analisando no poema “oferecer as coisas da casa”, percebem-se as noções nativas de mana e de hau de Mauss. Segundo essas noções, quando se recebe e se troca presentes, estabelece-se uma obrigação, porque aquilo que se recebe não é inanimado. Nesse sistema, "o doador tem uma ascendência sobre o beneficiário", e “cria-se um vínculo de almas” e dar algo a alguém é dar algo de si (Mauss, 1974, p. 54), cujo valor é chamado por Godbout (1999) de troca simbólica.

Salles e Sales (2012), analisando o sistema do dom segundo Mauss (1974), destacam que para esse autor o objetivo da dádiva produz um sentimento de amizade entre os dois sujeitos envolvidos, cujas trocas podem adversas - “voluntárias e obrigatórias, interessadas e desinteressadas, úteis e simbólicas” (SALLES; SALES, 2012, p. 39), em uma interação constante entre dar-e-receber.

### *Despedida*

Na última parte do poema, a Lei da Hospitalidade surge textualmente e percebe-se que a relação instaurada entre o anfitrião e o viajante se tornou muito mais importante do que aquilo que a originou.

Faziam suas despedidas, pediam a conta das despesas.  
Meu avô recusava qualquer pagamento —  
Lei da Hospitalidade.  
Os camaradas já tinham feito o almoço lá deles.  
Já tinha madrugada para as restantes cinco léguas.  
Convidava-se a demorar mais na volta.  
Despediam-se em gratidão e repouso.  
Era assim no antigamente, naqueles velhos reinos de Goiás.

Cora Coralina compõe o poema fazendo uma citação a Lei da Hospitalidade, sem, no entanto, revelá-la com detalhes em sua linguagem poética, entretanto compreendida em Pitt-Rivers (2012) como a lei em que deve haver entre anfitrião e hóspede honra e respeito, ao hóspede não é permitido usurpar o papel do anfitrião e nem recusar o que lhe é oferecido reconhecendo, que a ele foi feita uma homenagem; e tem como dever do anfitrião proteger seu hóspede de ofensas e injúrias; não falhar em atender aos seus hóspedes, concedendo-lhes a prioridade que lhes é devida.

Para esse autor, a lógica da Lei de hospitalidade,

[...] fornece uma justificativa para qualquer recusa ou aceitação: se a honra é melhor feita pela oferta de hospitalidade excessiva (que pode implicar desgosto) ou demonstrando que ele é bem-vindo (que arrisca a implicação de que isso é esperado) é algo que só pode ser conhecido por referência à convenção local (PITT-RIVERS, 2012, p. 515).

E Pitt-Rivers (2012, p. 513) reafirma que tanto o anfitrião quanto o convidado “devem honrar um ao outro”, ou seja, o primeiro recebe a honra de ter a companhia do segundo, e este também tem a honrada concedida pelo convite daquele.

Ao tentar explicar a Lei da hospitalidade nesse trabalho, ainda de forma concisa, partimos da análise, que o viajante não violou seu papel de hóspede e não ofendeu nenhuma das leis da hospitalidade, que a concernem, as quais seriam: primeiramente insultar seu anfitrião ou mostrar alguma rivalidade ou hostilidade; conseguinte, usurpar o papel de seu anfitrião, e por fim, recusar o que lhe é oferecido; e não há no poema algo semelhante, que tenha levado a infringir a lei, neste caso, a lei da hospitalidade.

Ao viajante o avô de Cora “convidava-se a demorar mais na volta”, na compreensão, que a hospitalidade pode ser vivenciada, mas dificilmente cerceada, pode proporcionar a acolhida e a convivialidade entre os seres humanos. Para que essa hospitalidade ocorra, primeiramente houve o acolhimento.

Despedindo-se “em gratidão e repouso”, observa-se a complexidade e o aprofundamento do acolhimento e da convivência com o outro, de acordo com Möesch (2010, p. 9):

Nisto observa-se o receber, o ajudar, o abrir-se, o reconhecimento do outro em sua diferença, ou seja, uma visão de hospitalidade mais complexa e aprofundada em laços sociais, ritualísticos e de reciprocidade, constituintes da hospitalidade como valor de troca do sujeito, portanto humanizador (MÖESCH, 2010, p. 9).

E assim destaca-se o elemento humanizador no acolhimento a prestação e manifestações da hospitalidade na despedida ao acolhimento do forasteiro pelo avô de Cora.

## **Considerações Finais**

O poema Ô de casa! de Cora Coralina constitui um exemplo de narrativa individual, particular, singular, que se torna registro da experiência de muitos. Desse modo, explorar as veias de sua poética, dos seus contos e poemas é dialogar com temáticas significativas à compreensão da hospitalidade, do acolhimento e, em certa medida, alguns dos contornos da circularidade da dádiva no interior do Brasil.

Esse mesmo poema, contém uma parte, que antecede essa escolhida para o estudo, essa parte está relacionado também a chegada do viajante, que se desarmava de seus revólveres e armas, deixando todo seu arsenal aos cuidados do anfitrião e dono da casa, o qual era preceito social e norma de cortesia roceira.

A hospitalidade não se define por só um elemento, mas a combinação deles. Prova disso é que, para Cora Coralina suas memórias colocadas no poema comungam com a recepção ao viajante, o acolhimento, a circularidade da dádiva, a solidariedade, preconizando o respeito, a tolerância, a convivência, permitindo-nos apreender um sentido também simbólico de sua história de vida e de sua obra.

Compreendeu-se na simbologia do poema diversos sentidos de realidade vivida por Cora Coralina em sua infância na casa do avô, com destaque para elementos da acolhida ao viajante, comensalidade e lei da hospitalidade. Os resultados obtidos indicam categorias representativas da hospitalidade, entre elas, o acolhimento, a comensalidade, a segurança e a lei da hospitalidade, a serem investigadas em profundidade em estudos futuros.

Este trabalho proporcionou explorar conceitos e abordagem da hospitalidade, a partir de visão de vários autores como um primeiro ensaio que descortinou a paisagem ampla e complexa

desse fenômeno nas relações, onde a dádiva circulava entre os dois atores da hospitalidade – o anfitrião e o hóspede.

## Referências

ANDRADE, C. D. [Rio de Janeiro, sete out. 1983]. Carta de Drummond. *In*: Coralina, Cora. **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha. 6. ed. São Paulo: Global, 1987.

AVENA, B. M. **Por uma pedagogia da viagem, do turismo e do acolhimento**: itinerários pelos significados e contribuições das viagens à (trans)formação de si / Tese de Doutorado – Faculdade de Educação, 2008. 516 f. Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11806/1/Tese%20Biagio%20Avena.pdf>. Acesso em: 12 maio 2020.

ÁVILA, N.; BAPTISTA, M. L. C. A expressividade da dança circular em busca da hospitalidade. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, vol.15, n.1, p. 117-140, jan.-jul. 2018.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

BAPTISTA, I. Lugares de hospitalidade. *In*: DIAS, Célia Maria de Moraes (Org.). **Hospitalidade, reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.

BRUSADIN, L. B. O sentido do acolhimento na hospitalidade: entrevista com Conrad Lashley. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, vol. 16, n. 3, p. 9-14, dez. 2016.

CAMARGO, L. O. L. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

\_\_\_\_\_. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2005.

\_\_\_\_\_. Os interstícios da Hospitalidade. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. XII, n. especial, p. 42-69, mai. 2015. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/574>. Acesso em: 20 abr. 2020.

CARNEIRO, H. Comida e Sociedade: significados na história da alimentação. *In*: **História: Questão & Debates**, nº 42. Curitiba: Editora UFPR, 2005.

CORALINA, C. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 20. ed. São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha. 9. ed. Goiânia, 2007.

COSTA, E. R. C. Comensalidade: a dádiva da hospitalidade através da gastronomia. **CULTUR**, ano 09, nº 2 jun, 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/lisla/Downloads/565-Texto%20do%20artigo-2037-1-10-20150706%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/lisla/Downloads/565-Texto%20do%20artigo-2037-1-10-20150706%20(4).pdf). Acesso em: 12 jun. 2020.

DELGADO, A. **A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias**. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2003.

DIAS, P. P. **Representações textuais-discursivas na construção do mito de Cora Coralina**. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2013.

DRISKO, J.; MASCHI, T. **Content Analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

ESMERALDO, M. S. **A representação do espaço e a cidade na poesia de Cora Coralina e José Décio Filho** [manuscrito]. Dissertação de Mestrado. 111 f. Departamento de Letras, Universidade de Goiás. Catalão, 2014.

- FERREIRA, L. T; PERAZZOLO, O.; PEREIRA, S. **Traços de acolhimento do corpo coletivo acolhedor (primariamente acolhedor) em ambientes virtuais:** análise de site oficial da Secretaria Municipal de Bento Gonçalves. X Seminário ANPTUR 9 a 11 out. 2013. Universidade de Caxias do Sul, 2013. Disponível em: [https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/10/\[72\]x\\_anptur\\_2013.pdf](https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/10/[72]x_anptur_2013.pdf). Acesso em 15 de abr. 2020.
- FUÃO, F. F. A collage como trajetória amorosa e o sentido de hospitalidade: acolhimento em Derrida. **Ensaio Filosóficos**. Expediente, Ensaio Filosóficos, vol. IX, p.74, maio 2014.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GODBOUT, J. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- GRINOVER, L. A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, ano III, n. 2, p. 29-50, 2. sem. 2006.
- \_\_\_\_\_. A hospitalidade na perspectiva do espaço urbano. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, ano VI, n. 1, p. 04-16, jan.-jun. 2009.
- KRIPPENDORFF, K. **Metodología de análisis de contenido**. Teoría y Práctica, Ediciones Paidós, Barcelona Spain, 1990.
- LANNA, M. Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 14, p. 173-194, jun. 2000.
- LOURENÇO, E. **Cora Coralina: a história da poeta que publicou seu primeiro livro aos 75 anos**. Revista Bula, Goiânia, 28 ago. 2019. Disponível em: <https://www.revistabula.com/25994-cora-coralina-a-historia-da-poeta-que-publicou-seu-primeiro-livro-aos-75-anos/>. Acesso em: 12 maio 2020.
- MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. *In*: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Edusp, 1974.
- MÖESCH, M. M. **A Produção do Saber Turístico**. São Paulo: Contexto, 2010.
- MONTANDON, A. A difícil e necessária dádiva da reciprocidade. [Entrevista concedida a] Marcia Junges. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, ed. 499, dez. 2016. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6728-a-dificil-e-necessaria-dadiva-da-reciprocidade>. Acessado em 13 maio 2020.
- MORAES, C. C. P. **Do corpo místico de Cristo: irmandades e confrarias na capitania de Goiás (1736-1808)**. Goiânia: UFG, 2012.
- PALACIN, L. **O século do outro em Goiás 1722-1822: estrutura e conjuntura numa Capitania de Minas**. Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 1976.
- PERAZZOLO, O. A.; SANTOS, M. M. C.; PEREIRA, S. **Meios de Hospedagem no Contexto do Turismo: Considerações sobre o Acolhimento e a Formação Profissional**. VI Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – SemintUR, Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 9 e 10 jul. 2010.
- PITT-RIVERS, J. The Law of Hospitality. HAU: **Journal of Ethnographic Theory**, 2(1), 501-517, 2012.
- SALLES, M. R. R.; SALES, G. A. F. O sistema da dádiva nas relações comunitárias e a constituição de alianças pelo trabalho tradicional. **CULTUR**, ano 6, n. 2, jun. 2012.

SANTOS, K. J. C. **A casa e os caminhos de dentro**: Um estudo sobre o espaço habitado em contos de Moacyr Scliar. Tese de Doutorado. 210f. Programa de Letras, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2015.

SILVA, A. **O que é quitanda para o mineiro? Conheça Minas**. Disponível em <https://www.conhecaminas.com/2016/02/o-que-e-quitanda-para-o-mineiro.html>. Acesso em 12 jun. 2020.

STEFANELLI, M. M. C.; BASTOS, S. R. Missão Paz: Lugar de hospitalidade aos i-migrantes na Cidade de São Paulo. **Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, 8(III), pp. 256-273, jul.-set. 2016.

TRANJAN, R. **O velho e o menino**: a instigante descoberta do propósito. São Paulo: Buzz, 2017.

VIEIRA, D. M. G. **Vintém de cobre – Meias confissões de Aninha**: a poética da experiência em Cora Coralina. 100 f. Dissertação de Mestrado em Letras - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2014.

---

<sup>i</sup> Adota-se neste texto o entendimento de poema como um gênero textual, cuja obra é composta em versos pouco extensa. Uma frase de Mário Quintana esclarece o seu conceito: “Um bom poema é aquele que nos dá a impressão de que está lendo a gente... e não a gente a ele!” (*apud* TRANJAN, 2017, s. i.).

<sup>ii</sup> De acordo com Moraes (2012, p. 28), a Cidade de Goiás iniciou-se com o arraial de Sant’Anna que foi “plantado no fundo de um vale cortado pelo rio Vermelho e circundado por serras dentre as quais a Serra Dourada. [...] Na margem esquerda deste rio, situada em terreno elevado, erigiu-se em 1727, a capela de Sant’Anna. Do outro lado do rio, também em local não alcançado pelas enchentes, foi edificada em 1734, para os escravos negros, a igreja Nossa Senhora do Rosário”.

<sup>iii</sup> “Quitanda” tem significado específico em Minas Gerais, e se refere ao que é “tudo que é feito em casa e servido com café, como queijos, broas, sequilhos, biscoitos, bolos, além dos produtos que saiam dos quintais para as panelas dos fogões à lenha como doce de leite, goiabada, doce de mamão, compotas, etc. Essas quitandas eram colocadas em tabuleiros ou mesas da cozinha para a merenda das famílias e também quando chegavam visitas” (SILVA, s.i.).